

Uma cidade não é uma cidade

Diário Notícias - DNA

15 Novembro

A ideia de uma cidade-paráiso, como nela pedem ecologistas e sociólogos urbanos na sua linguagem cheia de requebros e moralidade, é impossível.

O romance alimentou-se de cidades, devorou-as e reconstruiu-as conforme os apetites e desgraças dos seus autores e narradores, povoou-as de personagens que se encontram por aí, à solta, ou tanto mais à solta quanto melhores eram os romances. Parece-me difícil imaginar uma Lisboa sem os cavalheiros e amantíssimas esposas de Eça, mais até do que a melancolia do «Livro do Desassossego». Mesmo se o cenário de «Uma Família Inglesa» é mais portuense do que o de certas invenções de Camilo ou de Agustina, a verdade é que o Porto perde muito se por vezes o não olharmos por esses miradouros. E mesmo se Évora é apenas um cenário de papel para «Aparição», a verdade é que o livro de Vergílio Ferreira acaba por redesenhar a cidade aos olhos dos seus leitores.

De Dublin fizeram-se vários roteiros (alguns, até, aproveitados por agências turísticas, que organizaram — desde que Dublin foi a capital europeia da cultura, em 1991) para acompanhar a leitura do «Ulisses» ou de «Dubliners», e há livrinhos para visitantes de ocasião onde cada rua passa por evocar um verso, um parágrafo, um bar de um escritor ou de um personagem desse escritor. Dublin, aliás, é a cidade que mais aprecia e venera os seus escritores.

As cidades da literatura são mais dadas a esse turismo sentimental — Barcelona de Montalbán (vista através dos olhos de um detective galego), Dublin de Joyce (que cortou relações com a Irlanda), Paris de Simenon (um belga!), S. Francisco de Hammet, Los Angeles de Chandler, México DF de Paco Taibo, Cuernavaca de Lowry, Alexandria de Durrell e Forster, Rio de Rubem Fonseca, Lisboa de José Cardoso Pires. Vagueia-se de livro na mão, reconhece-se um muro, uma rua, uma casa, até uma sombra que já se tinha conhecido antes, de uma página. Cada leitor elege o escritor que o guia em cada cidade.

Na maior parte das vezes, amam-se as cidades onde ficou uma recordação — uma recordação de vadiagem solitária, por exemplo, quando o adjectivo «amoroso» não vem marcá-la por acidente. A verdade é que, precisamente por isso, e na maior parte das vezes (ou até na sua quase totalidade), amam-se as cidades que estão longe. Essa distância tem vantagens: esquecem-se os horrores em que as cidades se transformaram nos últimos tempos. Coisa que também se poderia dizer do que fizeram de Lisboa. Mas, no caso de José Cardoso Pires, há uma tal proximidade do escritor em relação ao seu cenário, que a leitura de «Lisboa. Livro de Bordo» (Dom Quixote) constitui um convite,

página-a-página, para que revisitemos os seus livros: «Alexandra Alpha» sobretudo, não querendo o leitor retomar certas páginas de «O Delfim». É aí, aliás, que Cardoso Pires assina a sua condenação: «Eu, escritor da comarca de Lisboa.»

Nunca compreendi como se poderia gostar realmente de Lisboa, desta maneira altiva, terna, comovente mas sem lágrimas e palavras pias ou moralistas. Com um toque de fado, mas sem abrir a porta ao tipicismo, geralmente tão falso e dispensável. Ora, Cardoso Pires toma a cidade como o guia que o leva de rua em rua, que o transporta de bairro em bairro, ou de tema em tema «essa é a novidade. Cardoso Pires não procura inventar um pretexto (a literatura, os romances de Lisboa, as figuras literárias, a história da cidade): pelo contrário, abandona-se a um chamamento, às ocasiões, aos usos que a memória exige ver tratados. Há, aqui, um ponto de partida, evidentemente — a sua paixão por Lisboa, por uma Lisboa de cruzamentos, de travessias, de espantos, ora marcada pelo «romantismo rural», ora cantada pelo vocabulário típico e imprescindível (o delicioso capítulo sobre o «cuspir fininho»). Mas, tirando essa espécie de declaração de princípios nunca escrita mas

presentada, «Lisboa. Livro de Bordo» é uma deambulação aproveitando caricaturas, evocações (de poetas que não tomam a dianteira do retrato para dizerem «estou aqui»), pachorras de lisboeta em passeio pelas suas ruas de todos os tempos.

A certa altura, Sebastião Opus Night salta de «Alexandra Alpha» para este livro, e acompanha o escritor nestas páginas conversando sobre poetas, cafés, livrarias e tertúlias («...na opinião do Opus Night, o Pessoa devia ser de perna fraca. Em todo o caso era o autor da «Mensagem» e, como tal, pai de todos os desempregados que andam aos poemas por esse Tejo fora, dizia ele.»), obrigando-o também a evocar-se a si próprio. E é deliciosa a sua zanga com Tanner (um grande abraço, ó José Cardoso Pires) e o seu filme «A Cidade Branca», a propósito do relógio do British Bar: «...serviu-se dele n' «A Cidade Branca»», a curraleira que ele traduziu por Lisboa depois de a pintar toda de sujo num filme de cais da insónia em mau olhado mourisco.» Como é deliciosa a evocação de «Noutros tempos, longos tempos, havia em Lisboa uma sereia...»

Para logo advertir, sério e como homem de princípios: «...mas é melhor ficar por aqui porque o Tejo não é de fábula nem de poema e corre sem nostalgia.» Ora aí está.

Se fosse preciso melhor indicação, bastava esse fragmento do livro de Cardoso Pires («Como se navegasse, como se navegasse», escreve ele a páginas tantas) para perceber o segredo do amor às cidades: é olhá-las de frente, respeitar-lhe os feitos, participar no seu desconcerto.

Lisboa tem, pois, o seu grande escritor. Já não era sem tempo. ■

Francisco José Viegas

